

A CRÔNICA LITERÁRIA NO COTIDIANO DA EJA: UMA EXPERIÊNCIA DE LEITURA CRÍTICA E INCLUSIVA

Erivaldo da Silva Nascimento¹
Orientador: Prof^a. Dr^a. Rosilda Alves Bezerra²

¹(Universidade Estadual da Paraíba – (UEPB/PROFLETRAS) *erivaldo.sn@hotmail.com*

²(Universidade Estadual da Paraíba – (UEPB/PROFLETRAS) *rosildaalvesuepb@yahoo.com.br*

RESUMO

Toda prática pedagógica no ensino de Língua Portuguesa tem íntima relação com a concepção de linguagem adotada pelo professor, bem como o tratamento que este dá ao trabalho com os diversos gêneros do discurso que circulam o cotidiano dos estudantes influenciando diretamente na formação dos mesmos. O presente artigo resulta de uma experiência de leitura literária tendo como público alvo estudantes da 7^a e 8^a séries da Educação de Jovens e Adultos (EJA), de uma escola do município de Caiçara-PB. Buscou-se apresentar uma breve reflexão sobre a importância do espaço do gênero textual crônica nas aulas dessa modalidade de ensino para a formação de leitores, bem como relatar uma experiência de leitura crítica de uma crônica de Joel Rufino dos Santos (2013). Nesse sentido procurou-se suporte, dentre outras, nas teorias de Cosson (2014), que apresenta estratégias para o ensino de Literatura voltadas para o letramento literário; Soares (2002) e Kleiman (2005), cujas discussões convergem para o entendimento sobre os fenômenos de alfabetização e de letramento. Freire (1989), que pontua a leitura como ferramenta libertadora; Marcuschi (2008), sobre a funcionalidade dos gêneros, e Koch e Elias (2006), sobre estratégias de leitura. A compreensão do gênero literário crônica como instrumento de formação do senso crítico, é reforçada pelas percepções desses pressupostos que corroboram com as nossas hipóteses sobre a eficiência do trabalho comprometido com o letramento literário. Desse modo, buscou-se lançar contribuições discursivas sobre uma prática que atende às necessidades do atual público de nossas escolas, contempla a língua como interação social e permite espaço para as multiplicidades das linguagens.

Palavras-chave: Letramento literário. Eja. Leitura crítica.

1. INTRODUÇÃO

As intensas mudanças pelas quais vem passando a sociedade nas últimas décadas exigiram transformações significativas nos currículos escolares, abrindo assim, espaço para discussões sobre a importância da valorização e efetivação de aulas voltadas às competências de leitura e escrita.

Pensando nisso, objetivamos nesse trabalho, abordar a importância e as contribuições do gênero literário crônica para a formação de leitores na EJA. Nesse sentido, consideramos a presença do referido gênero nessa modalidade de ensino como uma prática significativa na abertura de possibilidades de desenvolvimento do senso crítico dos estudantes.

O espaço da literatura nas aulas de EJA sob a perspectiva da escolarização e do letramento é um campo em que muito ainda há para ser explorado, uma vez que a maioria das pesquisas voltadas para a preocupação com a formação do leitor e a situação dos níveis de leitura no nosso país é, de certo modo, restrita ao público infantil e juvenil.

Devemos levar em consideração os efeitos que o contato com o texto literário pode causar nos estudantes de diferentes realidades. Ao pensarmos no ensino chamado “regular”, nos deparamos muitas vezes com jovens que rejeitam a literatura por a virem como uma coisa “chata”, distante de sua realidade, ainda mais na sociedade tecnológica em que vivemos. É inegável que isso se deve ao modo, como e quais, os textos literários foram apresentados a esses jovens.

É nesse sentido que justificamos a importância de um trabalho dessa natureza: pela abertura de possibilidades de discussões sobre o ensino de literatura na modalidade Eja, bem como pela exposição de experiências de letramento voltado para a inclusão dos estudantes no meio social letrado e crítico.

2. METODOLOGIA

O estudo em questão tem caráter bibliográfico e descritivo. Partimos de uma pesquisa bibliográfica na qual nos pautamos em leituras relevantes para situarmos a temática, dentre as quais os documentos oficiais que regem a nossa educação, como a LDB (1996) e os PCN's (1998); As contribuições de Cosson (2009), que apresenta estratégias para o ensino de Literatura voltadas para o letramento literário; Soares (2002) e Kleiman (2005), cujas discussões convergem para o entendimento sobre os fenômenos de alfabetização e de letramento e

Freire (1989) que pontua a leitura como ferramenta libertadora. Em um segundo momento enveredarmos pela descritiva, na qual confrontamos nossas leituras com as discussões promovidas nas atividades de leitura em sala de aula.

Assim, buscando expor da melhor maneira o nosso trabalho, organizamos o mesmo partindo de uma breve introdução na qual situamos a temática, apresentamos os procedimentos metodológicos e posteriormente os resultados e discussões, o qual dividimos em três partes nas quais discorremos de forma reflexiva sobre o espaço do gênero crônica nas aulas da EJA, apresentamos uma experiência de leitura crítica de uma crônica de Joel Rufino dos Santos, e discutimos a formação do leitor crítico como uma forma de inclusão social. Por fim, expomos as nossas considerações finais.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

3.1 O espaço da crônica nas aulas da EJA

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais,

O texto literário constitui uma forma peculiar de representação e estilo em que predominam a força criativa da imaginação e a intenção estética. Não é mera fantasia que nada tem a ver com o que se entende por realidade, nem é puro exercício lúdico sobre as formas e sentidos da linguagem e da língua. (PCN's, 1998, p.26)

Partindo desse pressuposto, pensamos que o trabalho com os diversos gêneros literários deve ir além do uso do texto como pretexto para o ensino de língua. A fantasia peculiar dos textos literários se configura como uma das formas de tratamento que se deve dar aos discursos da nossa realidade.

O gênero literário crônica pode ser visto como um dos mais significativos no desenvolvimento de atividades voltadas para o letramento literário e efetivamente a formação crítica dos estudantes, tendo em vistas algumas de suas peculiaridades.

Compreendemos a crônica como o gênero que tem na sua essência tratar de assuntos do cotidiano. Para Neves (1995, p. 17) esse gênero é um texto que “tematiza o tempo e simultaneamente o mimetiza”. O fato de ser curto é um dos atrativos para os estudantes e pode ser visto como uma porta para a inserção dos mesmos no universo dos textos literários.

O tratamento que os cronistas dão a fatos corriqueiros do cotidiano com reflexões irônicas e, geralmente bem humoradas, dão ao gênero uma dinâmica de proximidade com o leitor e faz com que este se motive também a refletir sobre os fatos que os cerca. Nesse sentido pensamos na funcionalidade do gênero e no que coloca (MARCUSCHI, 2008, p.162),

Desde que nos constituímos como seres sociais, nos achamos envolvidos numa máquina sóciodiscursiva. E um dos instrumentos mais poderosos dessa máquina são os gêneros textuais, sendo que seu domínio e manipulação depende boa parte da forma de nossa inserção social e de nosso poder social. (MARCUSCHI, 2008, p.162)

A crônica possibilita o diálogo imediato com outras produções de modo que o tratamento eu se dá a esse diálogo é o que leva os estudantes a perceberem a funcionalidade do gênero, que é justamente, o de levar a reflexão de forma lúdica, uma vez que tratamos do texto literário. “É de acordo com nosso domínio dos gêneros que usamos com desembaraço, que descobrimos mais depressa e melhor nossa individualidade neles”. (BAKHTIN, 1997, P.304)

Tendo em vista o forte caráter dialógico do gênero crônica, este merece um espaço perene nas aulas de EJA, pois o mesmo provoca uma proximidade com os leitores pela acessibilidade da linguagem empregada. Esse espaço deve ser pautado na preocupação com as competências que os sujeitos envolvidos devem adquirir nos diversos contatos com o texto e com as intertextualidades possíveis, de modo que o desenvolvimento da criticidade por meio do uso social da linguagem seja o foco.

3.2 Leitura da crônica “Final Feliz”, de Joel Rufino dos Santos.

A crônica em estudo, “Final Feliz”, do escritor Joel Rufino dos Santos, faz parte da coletânea organizada por Marisa Lajolo no livro *Crônicas para ler na escola* (2013). A escolha do texto se deu pelo fato do mesmo ser muito pertinente para a exploração da questão da alienação provocada pela mídia televisiva.

Na narrativa Santos (2013), insere em diversos momentos, críticas incisivas ao modo como as novelas “das oito (que hoje é das nove) vêm ao longo do tempo, abordando as relações humanas.

Há nesse folhetim eletrônico, “padrão Globo de qualidade”, uma alienação explícita: a concepção da vida humana como satélite do dinheiro. Pobre quase nunca é feliz, as relações amorosas não passam de variantes do golpe do baú. Há cinquenta anos (como voa o tempo!), o maldito escritor francês Guy Debord chamava esse lixo de vida inautêntica. (SANTOS, 2013, P. 157)

O escritor aponta a insistência da Rede Globo em perpetuar alguns estereótipos, principalmente no “horário nobre” da televisão em que a grande massa da população brasileira é atingida. É importante destacarmos que o público com o qual trabalhamos na EJA é, em boa parte, composta por estudantes adultos (as) e idosos (as), que sem outras opções de entretenimento, muitas vezes têm sua sequência de estudos ameaçada ou mesmo interrompida pela tentação da telenovela, tentação que não isenta muitos jovens.

Em outro momento de crítica afiada, Joel Rufino dos Santos aponta, com certa ironia, o perigo existente na total substituição dos livros pelo gênero telenovela.

Caminho da Índias, de Glória Perez, já não me irritou. Teria eu, finalmente me deixado embriagar pela carpintaria fantasiosa do gênero? Fiquei viciado em novela? É possível, mas quero resistir. Não verei a próxima, nem por descuido, milhares de livros me esperam para releitura – Malraux, Ciro Alegria, Gibbon, Dyonélio Machado... (SANTOS, 2013, P. 158)

Em seguida tece elogios a escritora Glória Perez pelo trabalho desenvolvido na novela Caminho das Índias de 2009. Ele aponta que na trama da escritora é possível perceber o sentimento do social e uma tentativa de quebra com o sistema de reprodução de estereótipos difundido na rede Globo ao longo de várias décadas.

Glória Perez, há três décadas, pelo menos, tenta infundir conteúdo crítico ao gênero. É difícil, pois a forma da telenovela é, em si mesma, bestificante. Herdeira de Janete Clair (1925–1983), que veio da radionovela para a tela, Glória tem sentimento do social e do político. Sei também que é consciente do papel alienante da telenovela, busca sempre compensá-la com mensagens antissistêmicas, digamos assim. (SANTOS, 2013, P. 158)

Direcionamos a discussão para o aspecto do papel alienante da telenovela enfatizado por Joel Rufino dos Santos. Nesse sentido desenvolvemos uma atividade de leitura pautada nas propostas de Cosson (2014), no livro Letramento Literário: teoria e prática. O intuito foi perceber a visão que os estudantes têm sobre a forte influência das telenovelas nos comportamentos de boa parcela da sociedade, e partir dessa percepção discutir alguns meios de romper com velhos dogmas impostos pelo mercado televisivo.

Partimos da motivação, instigando os estudantes a refletirem sobre o atual cenário político do nosso país e o que é mostrado nos diversos meios de comunicação para relacionarem posteriormente com as ideias presentes na crônica. No segundo momento apresentamos o autor contextualizando sua atuação como escritor e historiador no combate ao racismo e na defesa da participação dos indivíduos como agentes críticos no meio social, apontando como exemplo de produção a crônica em estudo.

Desenvolvemos a leitura integral do texto, em um terceiro momento, com “intervalos” para inferências sobre termos ou expressões que poderiam comprometer o seu entendimento. No quarto momento da atividade abrimos espaço para as construções de sentidos na interpretação. Optamos por desenvolver um momento de discussões aberto, no qual as inquietações surgissem a partir das leituras exteriores dos estudantes, recorrendo assim ao pensamento de Freire (1989), de que “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”, que converge para as percepções de Cosson (2010), nos seus dizeres de que a intertextualidade denominada externa “refere-se às relações que o leitor estabelece entre dois ou mais textos”, considerando-se, claro, a sua leitura de mundo. Na mesma linha, Koch e Elias (2008, p.78) mostram que “identificar a presença de outro(s) texto(s) em uma produção escrita depende e muito do conhecimento do leitor, do seu repertório de leitura. Para o processo de compreensão e produção de sentido, esse conhecimento é de fundamental importância”

Como dissemos anteriormente, a atividade foi direcionada para um debate com discussão aberta sem orientação de um questionário previamente elaborado, mas sim, norteada pelas inquietações dos estudantes a partir da leitura da crônica. Algumas observações gerais foram feitas de forma escrita pelos estudantes ao final do debate com objetivo de identificarmos a visão dos mesmos sobre o papel das novelas na formação ideológica das pessoas após a exploração das ideias expostas na crônica “Final Feliz”. Citaremos três dessas observações para efeito de ilustração. Identificaremos os sujeitos envolvidos apenas pelas suas iniciais.

“As novelas mostram as coisas da vida real e não só as da Globo. Mas tem muitas coisas que não percebemos mesmo. Existe muito preconceito com os negros, com os pobres. Quando for assistir agora vou prestar mais atenção nos detalhes”. (M.E.A.S, 8ª série)

“As novelas da Globo mostram muito as mulheres traindo os seus maridos e eu acho que isso acaba influenciando na vida real de algumas mulheres que assistem novela todas as noites. Nós temos que saber separar o que é

inventado e o que é real”. (M.J.F.S 7ª série)

“Acho que o debate foi muito importante porque tem coisas que a gente assiste e acaba tomando como verdade e acaba tendo alguns preconceitos. Não sou muito viciada em novela, mas posso comentar o que discutimos com minhas filhas e com outras pessoas. Tem muita gente ganhando dinheiro para enganar o povo”. (E.F.L, 7ª série)

A possibilidade de explorar os sentidos do texto crônica com outras produções, além das telenovelas, para mostrar o quanto há de alienação sendo infiltrada de forma sutil e por vezes de maneira explícita, propiciou interessantes reflexões, considerando o papel ferramenta de letramento atribuído a literatura, apesar dos desafios que enfrentamos no que se refere aos níveis de leitura apresentados pela turma.

Podemos perceber, de um modo geral, nos discursos orais da turma o quanto as telenovelas conseguem difundir ideologias que acabam por estabelecer marcos históricos que distorcem valores humanos ao longo tempo. Nesse contexto a literatura revela-se como um instrumento fundamental na formação dos indivíduos, cabendo, portanto a escola buscar meios de formar o leitor literário dotado de competências que o tornem capaz de se conhecer, conhecer o mundo em sua volta e de se questionar sobre as especificidades dos diversos discursos presentes no seu cotidiano.

3.2 Formação de leitores críticos: um caminho para a inclusão

A modalidade EJA, na sua essência, configura-se como uma política de inclusão, cujos princípios estão fundamentados na Lei de Diretrizes e Bases (LDB), da nossa Educação, nos artigos 37º e 38º, que versam sobre a mesma:

Art. 37º. A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria.

§ 1º. Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames.

§ 2º. O Poder Público viabilizará e estimulará o acesso e a permanência do trabalhador na escola, mediante ações integradas e complementares entre si.

Art. 38º. Os sistemas de ensino manterão cursos e exames supletivos, que compreenderão a base nacional comum do currículo, habilitando ao prosseguimento de estudos em caráter regular.

§ 1º. Os exames a que se refere este artigo realizar-se-ão:

I - no nível de conclusão do ensino fundamental, para os maiores de quinze

anos;

II - no nível de conclusão do ensino médio, para os maiores de dezoito anos.
§ 2º. Os conhecimentos e habilidades adquiridos pelos educandos por meios informais serão aferidos e reconhecidos mediante exames.

Compreendemos, portanto, que apesar das evidentes dificuldades constatadas na modalidade, a escola deve assumir o compromisso de oferecer a formação plena dos indivíduos para o convívio em sociedade. Assim, pensamos no professor de Língua Portuguesa como um agente de extrema importância nessa formação, sendo um dos principais responsáveis pela formação dos sujeitos como leitores críticos.

As transformações ocorridas nos currículos nos últimos anos vêm tornando a escola mais aberta para a ampla formação dos indivíduos, e em relação ao ensino de Língua Portuguesa, passa-se a se pensar nos diversos letramentos como uma forma de inserção dos indivíduos como atores de práticas sociais de leitura e escrita, “o conceito de letramento surge como uma forma de explicar o impacto da escrita em todas as esferas de atividades e não somente nas atividades escolares (KLEIMAN, 2005, p. 6).

No trabalho com a linguagem, a literatura entra com um papel fundamental nos discursos oriundos das intertextualidades. Nesse sentido, as práticas de leituras de um gênero literário que tem como característica marcante temas do cotidiano, se revelam como forte instrumento para a aprendizagem e o desenvolvimento do senso crítico diante da realidade social.

A crônica é um gênero de linguagem acessível e de fácil identificação de diálogos com outras produções pela abordagem do cotidiano. Nesse sentido, explorar as influências passadas pela televisão, especificamente pelas telenovelas, nos meios sociais, torna-se instigante para os estudantes por se configurar como um conteúdo integrante do seu convívio diário, e os questionamentos gerados pelos diversos discursos intertextuais do texto literário e do gênero televisivo, os levam a refletir sobre as práticas de uso da linguagem como uma forma de inclusão social.

O leitor crítico é, nessa perspectiva, aquele que se questiona sobre a realidade em sua volta. Se posiciona de forma ativa na tentativa de solucionar problemas individuais e da coletividade. É importante destacarmos as orientações dos Planos Curriculares Nacionais (PCN's), no que se refere aos objetivos do ensino fundamental, uma das capacidades a serem adquiridas de forma efetiva é a de “questionar a realidade formulando-se problemas e tratando de resolvê-los, utilizando para isso o pensamento lógico, a criatividade, a intuição, a

capacidade de análise crítica”.

Compreender e desmistificar as sutilezas dos discursos midiáticos é uma forma eficaz de se livrar das amarras ideológicas implementadas por determinados grupos que buscam se eternizar no poder e para isso fazer uso da linguagem com ferramenta de exclusão. Para (FREIRE, 2000, P. 48),

Uma leitura de mundo crítica implica o exercício da curiosidade e o seu desafio para que se saiba defender das armadilhas, por exemplo, que lhe põem no caminho as ideologias. As ideologias veiculadas de forma sutil pelos instrumentos chamados de comunicação. Minha briga, por isso mesmo, é pelo aumento da criticidade com que nos podemos defender desta força alienante. Esta continua sendo uma tarefa fundamental de prática educativo-democrática. Que poderemos fazer, sem o exercício da curiosidade crítica, em face do poder indiscutível que tem a mídia e a que Wright Mills já se referia nos anos 50, em *A elite do poder*, de estabelecer sua verdade como verdade? Ouvi no jornal da TV X, é que o que dizem muitos de nós, sem dúvida, quase absolutamente possuídos pela verdade sonora e coloridamente proclamada.

Nas palavras do grande pensador brasileiro, percebemos a preocupação e o engajamento que deve ser assumido pela escola na busca pelo aumento da criticidade dos estudantes diante de um mundo tecnológico no qual as informações se proliferam de forma tão rápida, e tão fácil é o seu acesso. A força alienante da mídia só poderá ser combatida a partir do empoderamento dos indivíduos sobre o uso da sua língua. O exercício da curiosidade é o que torna o sujeito agente enquanto falante capaz de transformar o seu meio. A língua é, nesse contexto, uma força ativa na sociedade, “um meio pelo qual indivíduos e grupos controlam outros grupos ou resistem a esse controle, um meio para mudar a sociedade ou para impedir a mudança, para afirmar ou suprimir as identidades culturais. Ter domínio da língua é, pois, participar ativamente da sociedade. (VIEIRA, 2008, P.449).

Reforçamos nesse sentido o papel da escola de formar leitores críticos capazes de se perceberem e agirem como sujeitos de uma realidade, na qual não são obrigados apenas a assistirem os discursos que os cercam, mas serem competentes para, inseridos nas discussões que movem a dinâmica social, protagonistas das transformações que propiciem o bem comum.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das reflexões expostas neste estudo, compreendemos que a principal missão da escola atual é a de formar leitores críticos, contudo, ainda estamos diante de um quadro de limitações das mais diversas ordens, principalmente quando tratamos da Educação de Jovens e adultos, o que não pode ser visto como impossibilidade definitiva, mas como um desafio instigante.

Fazer do texto literário um instrumento provocativo para os jovens e os adultos que não tiveram a oportunidade de serem inseridos no mundo chamado “letrado”, deve ser um dos pontos determinantes do cotidiano dos professores de Língua Portuguesa. A exploração dos diversos gêneros do discurso se revela como fundamental no trabalho com o desenvolvimento de habilidades para os usos e práticas sociais com a linguagem.

Aqui, defendemos o gênero crônica literária nas aulas de EJA como uma dessas ferramentas facilitadoras de uma aprendizagem significativa na formação de indivíduos críticos, curiosos e capazes de adotar a linguagem como um instrumento de poder capaz de inseri-lo em um meio social em que o saber determina posições. É importante frisarmos, claro, que acima de tudo, não está a prepotência do saber mais para se firmar em determinada posição, mas a formação humanizadora é o que torna o homem capaz de se conhecer e conhecer o seu próximo nas suas diferenças.

Reafirmamos, por fim, o poder libertador da leitura do texto literário quando este não é tratado como mero pretexto para o ensino da língua. A Literatura com o seu poder humanizador é uma forma significativa de representação e de constituição de identidades. Constitui-se, portanto, como um dos principais meios para se atingir a inserção social.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **Estética da Criação Verbal**. Tradução feita a partir do francês por Maria Ermantina Galvão; revisão da tradução Marina Appenzeler]. – 2ª ed. – São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**. Brasília: MEC/SEF,

1998.

_____. **MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Brasília Disponível em: <portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>. Acesso em: 26/06/2016

COSSON, Rildo. **O espaço da literatura na sala de aula.** In: PAIVA, Aparecida, MACIEL Francisca, COSSON, Rildo (Orgs) *Literatura: ensino Fundamental.* Brasília: Ministério da Educação, 2010

_____. **Letramento literário: teoria e prática.** São Paulo: Contexto, 2014

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.** São Paulo: Cortez, 1989.

_____. **Pedagogia da indignação: Cartas pedagógicas e outros escritos.** São Paulo: Editora UNESP, 2000.

KOCH, Ingedore Villaça & ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender: os sentidos do texto.** São Paulo: Contexto, 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão.** São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

NEVES, Margarida de Souza. **História da crônica. Crônica da história.** In: REZENDE, Beatriz (org) **Cronistas do Rio.** Rio de Janeiro: José Olimpo, 1995

SANTOS, Joel Rufino dos. **Final feliz.** In: LAJOLO, Marisa. **Crônicas para ler na escola.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.

TEIXEIRA, Sérgio Henrique. **Caminho das índias (vamos recordar).** In: <http://www.mundonovelas.com.br/2015/07/caminho-das-indias-vamos-recordar.html>. Acesso em: 26/06/2016

VIEIRA, Alice. **Formação de leitores de literatura na escola brasileira: caminhadas e labirintos.** In: *Cadernos de Pesquisa* v.38. n. 134. São Paulo: Perspectiva, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/v38n134/a0938134.pdf>. Acesso em 27/06/2016.